

CENTRO CULTURAL ÁGORA

Nas áreas centrais de Maringá existem vazios urbanos que são terrenos ociosos com grande potencial construtivo, inseridos em um cenário de forte especulação imobiliária, que podem ser observados em muitas metrópoles. O terreno do projeto se enquadra nesse cenário de um espaço urbano vago que, atualmente, está subutilizado para fins de estacionamento rotativo, como sugere a forte demanda urbana, mas que favorece, no entanto, a especulação imobiliária, desestimulando o uso compatível com a função social de propriedade preconizada pelo Estatuto da Cidade (2001). O Grande fluxo urbano de trabalhadores, estudantes e migrantes que deixam suas casas nas áreas periféricas e regiões metropolitanas em direção ao centro de Maringá é contraditório ao vazio observado no local, pois o principal terminal de acesso está localizado no terreno anterior ao Centro Cultural, oferecendo ao usuário, como primeiro ponto focal, o Projeto, sugerindo àqueles a sua ocupação e apropriação cultural; torna-se, portanto, o Terminal um “portão de acesso” a cidade. Visto que o Centro Cultural se estrutura no eixo monumental da cidade projetada por Jorge de Macedo Vieira, garanti-lhe caráter de identidade local, pois guia o urbano a se integrar às características locais, assim como à velocidade do progresso visto no perímetro do Novo Centro Urbano de Maringá. O espaço escolhido teve seu relacionamento com o eixo monumental da cidade desvirtuado com a demolição da antiga rodoviária, um edifício histórico de extrema importância para a região noroeste do Paraná. Esse ato gerou muita repercussão por parte da população que desaprovava a medida. Conforme citado acima, o local está agora destinado a ser um equipamento urbano,

de acordo com a lei municipal de uso e ocupação do solo de Maringá, porém, bem como nos demais terrenos das áreas centrais da prefeitura, nenhum equipamento foi criado para atender as pessoas, mas sim para atender a acomodação dos veículos.

Voltando o foco às diversas necessidades das pessoas que ali transitam, bem como as problemáticas sociais presentes, o edifício se propõe a ser um agente de transformação cultural e social através de atividades formativas e comunitárias, acolhendo tanto quem passa, quanto a população fragilizada, que ali se encontra em meio as drogas e a prostituição, através de espaços comunitários supervisionado por assistentes sociais responsáveis pelo encaminhamento ao CRAS.

Aliando o Centro Cultural ao seu entorno de composição viária coletiva, uma proposta de mobilidade alternativa (bicicletas) seria acomodada à estrutura de transporte já ofertado pela empresa privada TCCC (Transporte Coletivo Cidade Canção), conforme visado nos correlatos utilizados, para que o traslado seja contínuo e favorável não somente aos pedestres. Para tanto, o Centro disponibiliza de amplas rampas de acesso içada por cabos de aço à cobertura, que além de promover o convite à apreciação panorâmica da cidade, torna o edifício pioneiro a ser acessível por “bikes” desde o primeiro até o último pavimento. Essa decisão se deu desde o princípio da concepção do projeto como solução à problemática viária da cidade de Maringá, que, de acordo com os dados do IBGE, sofre devido ao inchaço do número veículos por habitante.

Conforme apontam as tendências de investimento do setor público em ciclovias, à exemplo das avenidas principais da cidade como a

Av. Brasil, perpendicular ao eixo monumental, cuja interceptação se dá no sentido leste-oeste, o uso da bicicleta vem sendo adotado pela população, assim como almejado para o Ágora.

Em suma, o tema “Centro Cultural” mostrou-se tão versátil como o aço, colaborando como indutor do processo de reestruturação urbana junto com a vida do edifício, pois fortaleceria o espaço adotado e o seu entorno em seus principais déficits. O projeto propõe assim, contribuir para a construção de uma cidade social e conectada às suas raízes culturais ao aliar uma compensação abrangente do contexto urbano no qual se insere a um programa diferenciado que atenda às necessidades apontadas pelo levantamento de campo e à uma arquitetura com linguagem e técnicas construtivas contemporâneas manejadas em aço de forma racional que é justificado pela intenção de se obter grandes vãos e para seus múltiplos usos.